

JORNALISMO E LITERATURA: ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA A MEMÓRIA E A HISTÓRIA NAS CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ NO LIVRO O CAÇADOR DE TATU

MESQUITA, Mírian Costa¹; SANTOS, Regma Maria dos²

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada de *A memória e história nas crônicas de Raquel de Queiroz no livro O caçador de Tatu* é uma continuidade da pesquisa *Jornalismo e Literatura: entre memória e história* na qual outros cronistas também foram analisados, tais como, Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto e Carlos Heitor Cony. Nesta pesquisa procuramos desenvolver um estudo sobre a obra *O caçador de Tatu*, que reúne crônicas do período de 1957 a 1967, para compreender qual a percepção da cronista sobre a relação entre memória e história, entender como a crônica é uma análise do cotidiano e como suas raízes estão ligadas à história, tentando mostrar de forma clara a relação entre a história e o cotidiano. Este trabalho analisa também as reflexões de Rachel de Queiroz acerca das transformações ocorridas no Brasil durante o século XX, mostrando que a autora se interessa por temas variados em suas crônicas, temas do cotidiano, compreendendo que o tempo contemporâneo é breve e efêmero, que vivemos a história do efêmero e através da produção da cronista, perceber que a crônica é efêmera, mas quer prevalecer na memória.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do projeto, procuramos utilizar textos e obras que estivessem de acordo com o que estava proposto desde o início do projeto, que era o de relacionar a literatura, o jornalismo, a história e a memória através das crônicas da Rachel de Queiroz. Para tanto, utilizamos a obra *O caçador de Tatu*, como objeto dessa pesquisa, que reúne 57 crônicas escolhidas por Herman Lima, dentre o período de 1957 a 1967, como já foi dito anteriormente. Além de analisar a obra *O caçador de Tatu*, foi elaborado um estudo sobre a “História Cultural”, mostrando a sua expansão, os seus problemas, a sua variedade, como ela foi e vêm sendo praticada. Lyn Hunt, em seu livro *A Nova História Cultural* nos diz que esta perspectiva historiográfica “mostra de que forma uma nova geração de historiadores da cultura usa técnicas de abordagens literárias para desenvolver novos materiais e métodos de análise”. (1995:19). Analiso também a “nouvelle histoire” que veio a aparecer através da revista dos *Annales*, que surgiu em uma época que a história só podia ser feita através de fontes muito limitadas e que veio a enfrentar a escola Positivista, criando uma história das mentalidades. Essa nova história revolucionou o conceito de tempo histórico. Para o estudo destes vários temas, utilizamos autores, tais como, Peter Burke, Roger Chartier, Carlo Ginzburg, Ronaldo Vainfas, dentre outros. Pesquisamos também alguns aspectos da crônica, por ser tão importante nesse trabalho. como a obra da autora Silvia Helena Simões Borelli *Ação, suspense, emoção. Literatura e cultura de massa no Brasil* que nos diz que “a crônica é forma de memória escrita, algo do real vivenciado que fica impresso e arquivado” (BORELLI, 1996: 68), e também Regma Maria dos Santos em seu livro

Memórias de um plumitivo: Impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycidio Paes. Utilizamos também as reflexões de Wellington Pereira, dentre alguns outros autores, para tratar sobre o tema crônica. Para falar sobre a relação entre memória e história, e as confusões que muitos fazem como esses dois tendo o mesmo significado, utilizamos Afonso Carlos Marques dos Santo. No mais, tentamos mostrar a trajetória política de nossa cronista através de sua biografia *Tantos Anos*, que escreveu juntamente com sua irmã, Maria Luíza de Queiroz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, no Ceará, no dia 17 de novembro de 1910. Filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, e pelo lado materno é parente de José de Alencar, autor de *O Guarani* e *Iracema*. Viveu em vários lugares, entre eles, Pará, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Começa sua carreira literária muito cedo, e aos vinte anos publica sua primeira obra, *O Quinze*, um romance de fundo social, no qual mostra a luta de um povo contra a miséria e a seca. Atuou politicamente no PCB e foi presa diversas vezes. Deixou o partido quando alguns de seus membros tentaram opinar em sua obra. Afasta-se da esquerda após o assassinato de Trotsky por Stalin. Com o Estado Novo, o qual Rachel apoiou, e foi criticada por ter uma atitude contrária às suas concepções políticas, pois era de esquerda, seus livros são queimados junto aos de diversos autores, acusados de serem subversivos. Em 1957 recebe da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. É a primeira mulher a ser eleita pela Academia em 1977, onde ocupou a cadeira número 5. Rachel falece aos 92 anos em novembro de 2003. Analisar a crônica de Rachel de Queiroz como fonte histórica é um desafio, pois, utilizar um escrito jornalístico e ao mesmo tempo literário como sendo registro memorialístico, ao mesmo tempo breve e efêmero, é extremamente complexo. Pretendemos assim, com o objeto de estudo escolhido para tal pesquisa, mostrar de que forma a crônica pode ser utilizada como fonte histórica a partir da história cultural e como essa fonte pode ser rica para o estudo histórico a partir da interdisciplinaridade.

CONCLUSÃO

Alguns historiadores não concordam que textos literários ou jornalísticos como a crônica possa ser usada como documento histórico. Através deste trabalho que se insere na História cultural não consideramos a crônica como sendo um gênero menor, mas como importante documento para a produção histórica. A crônica é um texto que apesar de breve e efêmero vai prevalecer na memória, pois foi impressa e editada em livro. Isso não significa que vai ser sempre lembrada, mas vai estar arquivada e através da memória vai tratar de um passado que ainda está presente. Através deste estudo esperamos ter contribuído para o estudo interdisciplinar que une jornalismo, literatura e história, além da relação história e memória, a partir das análises feitas sobre a História Cultural. Apesar de ser aparentemente um texto simples e de fácil entendimento, a crônica foi nessa pesquisa, nosso tão importante objeto de estudo. A crônica foi assim, relacionada no contexto de Jornalismo, literatura, história e memória, inserindo este trabalho na história cultural. Além disso, tentamos apresentar de forma simples, a história de nossa cronista Rachel de Queiroz, que foi mostrada em seus momentos

mais marcantes, como sua trajetória política e qual foi a importância desse fato na vida da autora e também como isso influenciou as crônicas de sua obra analisada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORELLI, Sílvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção*. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo. EDUC. Estação liberdade. 1996.

BURKE, Perter (org.). *A Escrita da História - Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

_____. *O que é história cultural?* Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. *Varieties of História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso*. Salvador: Calandra, 2004.

QUEIROZ, Rachel. *O Caçador de Tatu*. Herman Lima (org.). São Paulo. Siciliano. 1994.

____ e QUEIROZ, Maria Luíza. *Tantos Anos*. Editora Arx. São Paulo. 2004.

SANTOS, Regma Maria dos (org.). *História e Linguagens: literatura, música, oralidade, cinema*. Uberlândia. Aspectus. 2003.

_____. *Memórias de um plumitivo: Impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycídio Paes*. Uberlândia. Aspectus. 2005.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo, SP: Campus, 2002.

¹ Aluna do Curso de História – Campus de Catalão, participante do PIVIC. e-mail: myamesq@hotmail.com

² Orientadora/ Curso de História CAC/UFG, regma_s@yahoo.com.br